



ARTE, AMBIENTE E COMUNIDADE: O GRAFISMO INFANTIL COMO DIÁLOGO ESTÉTICO EM MARABÁ

Marconys Silva das Chagas. PIBIC/UFGA
Mayelle da Silva Costa. PIBIC/UFGA
Alexandre Silva dos Santos Filho. UFGA

RESUMO: Mostra-se a partir da produção gráfica infantil, na cidade de Marabá, o significado do fazer artístico da criança, no ambiente urbano com reflexo de algumas categorias que medeiam a sua forma de expressão e construção do diálogo estético. Descreve-se o percurso de criação, de um grupo de crianças envolvidas no laboratório de expressão plástica que resultou numa dinâmica de conhecimento do potencial criador das crianças e valorização da imaginação plástica como aliada da poética visual das crianças. Destacam imagens expressivas construídas com base no repertório cultural, alimentando um diálogo com a ambiência e comunidade de origem.

Palavras chave: Arte infantil, Criança, Desenho Infantil, Diálogo Estético

RESUMEN: Muestra la producción gráfica infantil del niño, en la ciudad de Marabá, el significado de la producción artística de los niños en el entorno urbano con la reflexión de algunas categorías que intervienen en su forma de expresión y la construcción de un diálogo estético. Describe el camino de la creación de un grupo de niños que participan en el laboratorio de expresión plástica que resulta en un conocimiento dinámico del potencial creativo de los niños y la mejora de la imaginación como un aliado de la poética visual de los niños. Hacer hincapié en imágenes expresivas construidas en el repertorio cultural, alimentando un diálogo con el ambiente y la comunidad de origen.

Palabras clave: arte de los niños, niños, dibujo infantil, Diálogo Estética

1. INTRODUÇÃO

O desenho na idade infantil é expressão formal do imaginário da criança. Representa um modo de realização e ato de inquirição, envolvendo ideias, percepção de mundo e experimentação. A criança rabiscando dialoga com as descobertas que faz, com as possibilidades de dizer coisas através de imagens e não somente por palavras, uma vez que ela desenha o que sabe, mas também desenha aquilo que vê. Nesse deslocamento, olho, mão, percepção, risco, rabisco, forma redonda, quadrada, vazia, preenche o mundo que vai se moldando e transformando a partir das ações concebidas dos flutuantes repertórios que nascem em comunidade.

Criança participa, interage e imagina. Dissolve a fronteira entre o pensar, sentir e agir, inseparável da sua íntima relação daquilo que está dentro e fora dela do mundo interior e exterior. Isso é um ótimo pretexto para se observar o diálogo estético que se consolida nessa plataforma de configurações gráficas, na qual envolve distintamente a arte infantil: o ambiente da produção social do desenho da criança e a comunidade que problematiza os repertórios nessa amazonidade. Tudo reflete na ação criadora de uma produção silenciosa, dialógica da arte na vida de uma criança.

Esta reflexão crítica é resultante de uma interação com um grupo de crianças, envolvidas na fabricação de desenhos, as quais estiveram por alguns dias dispostas a mostrar o seu poder transformador. A pesquisa se norteia por uma premissa básica: o gesto gráfico da criança no papel é um discurso visual que reflete o repertório de situações vividas e subjetivas a partir da comunidade em que vive. Com isso pretende-se promover a produção criativa do grafismo da criança por meio de um laboratório de expressão plástica instalado na escola pública E.M.E.F. Emília Ferreiro, localizada no município de Marabá, sudeste do Pará. Este também ligado ao projeto de pesquisa Pibic/Ufpa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística das crianças em Marabá.

Para tanto, é fundamental pensar dois aspectos dessa reflexão: a criança no seu contexto sociocultural e a arte que emerge do ambiente cotidiano. Visto que no contexto da territorialidade amazônica e no trânsito migratório de famílias, que muito influi na consciência de mundo da criança sobre a sua produção gráfica e processo criativo.

2. DINAMISMO SOCIOCULTURAL DA CRIANÇA EM MARABÁ

O significado de criança na concepção de territorialidade amazônica se caracteriza pelo processo de migração, além de também poder ser vislumbrado por meio das famílias nativas. Em ambos os aspectos culturais nega-se a existência de criança pura e em alguns casos ingênua, como feitiço significativo do que é ser criança na região. Em diferentes momentos históricos dessa amazonidade, pode-se observar que a criança vem sendo alvo dos mesmos desígnios de séculos de

reflexão, ainda existe o tratamento da criança adultificada, instrumentalizada pelas famílias para o ambiente do trabalho.

A violência contra criança num contexto sócio histórico da cidade de Marabá está presente há muito tempo, pois esta (violência) permeia o cotidiano, principalmente, na marginalidade das famílias que estão nas zonas periféricas da cidade – no caso, das comunidades constituídas por invasões de terras na região urbana. Além do mais, isso envolve violência simbólica, física, sexual e psicológica, visíveis na maioria dos casos, mas invisíveis quando se oportuniza a criança e desenhar espontaneamente a sua realidade. Falando de modo mais amplo, pode-se perceber que este sentido de violência atinge todas as camadas sociais e diversidades culturais da sociedade local. Essa onda de violência tem como consequência fatores que irão refletir na sociabilização das crianças, sendo elemento presente no cotidiano familiar e escolar além de central ideia nos repertórios culturais e estéticos.

Para pensar em um âmbito cultural e estético mais ampliado sobre a violência que as crianças recebem em Marabá, parte-se da constatação de que, ainda hoje, muitas famílias veem seus filhos como propriedade. Motivo este que incide em estabelecer a naturalidade de promover disciplina no seio familiar com as violentas palmadas (e até mesmo espancamentos) – herança cultural que vem prevalecendo ao longo da história na região –, tornando-se assim, a própria família, ameaçadora da infância local. A história vai se repetindo, geração após geração, filhos agem da mesma forma, naturaliza-se a forma disciplinar da violência e legitima-se pelo legado sócio cultural como maneira legal e normal o tratamento das crianças, pois foi assim que pais e mães foram condicionados na educação familiar, portanto, aceito como cultural e vivido em comunidade.

Com a divulgação do *Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA*, e instalação dos mecanismos de proteção e defesa da criança em Marabá muitas das violências contra a criança foram freadas. O artigo 5º do ECA, Lei Federal 8.069/90, dispõe:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (OLIVEIRA, 1995, p. 2).

Mas apesar disso tudo, muitos casos ainda persistem, pois a violência contra criança tem sido aceita pela sociedade como algo estetizante e o constrangimento sócio educativo na infância, natural. O refluxo desses matizes de violência tem sua causa, além da premissa da herança cultural das famílias, marcada pela pistolagem, conflitos agrários e personalidades autoritárias. A ocupação promovida ao longo da história da cidade marabaense reflete a diversidade dos discursos de interesses pelas terras, ocasionando também homofobia, preconceito étnico, poderio simbólico dado pelo domínio do capital econômico etc.

O fato de que a criança chega à idade adulta quando é escolarizada – aprende a ler e escrever –, faz com que se perceba que o mundo do adulto se diferencia do mundo da criança. Conforme Postman (1999), quando a criança passa de uma série para outra é como se ela estivesse vencendo etapas para chegar ao mundo do adulto. Isso que dizer que a criança só irá fazer parte da idade adulta quando adquirir a habilidade da leitura e da escrita. Por conseguinte, a criança deveria ter uma vida de preparação para esse ingresso na vida das pessoas adultas.

Muitos tabus sociais e segredos adultos já foram, em seu tempo, elementos para condicionar a separabilidade entre o mundo adulto do mundo das crianças. Mesmo assim, ainda hoje há segredos que em determinados momentos e períodos, as crianças não podem ter acesso, uma vez que não possuam maturidade para isso. Os segredos que as crianças da região de Marabá estariam sendo guardados, de acordo com a premissa postmaniana, estão difundidos em revistas, jornais, novelas, propagandas e até mesmo em desenhos animados. Aproximando a criança marabaense do mundo adulto.

Isto significa mais do que dizer que a “inocência” da infância está perdida, uma frase que tende a indicar unicamente uma diminuição do encanto da infância. Com a revelação rápida e igualitária de todo o conteúdo do mundo do adulto pela mídia elétrica, várias consequências profundas se fizeram notar. (POSTMAN, 1999, p. 99).

Ora, a estetização do mundo infantil abre portas e emperra outras, já que a inocência perdida traz outros desígnios para o contexto da infância na sociedade mundial. Em outras palavras, pode-se dizer que em Marabá as crianças são

“bombardeadas” o tempo todo com os segredos dos adultos e estes incluem temas como violência, criminalidade, prostituição, abuso sexual, tráfico de drogas, torturas, conflitos de terras etc. E por influências das diversas mídias as crianças já se apresentam vestidas como adultas, falam como elas e em alguns casos agem como se fossem adultas, inclusive em atos criminosos. Pode-se perceber que a cada dia, a interação estética com a violência, a criança vai embaçando sua infância em meio às rápidas informações que recebe da comunidade local e comunicacional. Conseqüentemente, as crianças marabaenses reproduzem os adultos como num espelho e isso pode ser alvo de violação da infância nessa realidade.

Em Marabá a ideia de infância se estratifica dado pela onda do progresso econômico que vem alargando as portas dos investimentos do modismo, do comércio e ao mesmo tempo dos conflitos sociais. Nesse sentido, vão-se constituindo uma ordem que se desdobra na diversidade de embates dos ocupantes de terras na região, por massacres de grupos defensores da ecologia e meio ambiente, por invasores de terras ao longo das rodovias ou fazendas improdutivas que foram griladas no período da ditadura militar, ou ainda, invasões urbanas em prédios abandonados e terrenos em áreas desvalorizadas da cidade. Todavia, também se faz notar famílias migrantes que são atraídas pela exploração de riquezas e/ou promessas de trabalho como forma de melhoria de vida.

Então, vemos que o mundo do adulto adentra pouco a pouco no mundo cotidiano das crianças, e estas não escapam dos repertórios desse campo, já que as crianças também fazem parte das situações supracitadas, refletindo no modo de vida dos ocupantes com seus familiares. A ideia de infância está por, assim dizer, em transformação, sem a devida atenção, por mais que o Ministério Público se esforce para a manutenção da Lei e defesa da criança e do adolescente. As crianças e os adultos vivem em contextos psicológicos e sociais que pouco se diferem em ambos os mundos. As crianças observam o tempo todo o repertório social e cultural oriundo dos modos de vida dos adultos, o qual posteriormente passa a compor subjetivamente o seu próprio repertório, refletindo assim nas suas expressões gráficas e artísticas.

3. ARTE INFANTIL EM MARABÁ

O ato criador da criança envolve o aspecto relacionado aos repertórios culturais e sociais que vivenciam mediante a sua comunidade. Daí o modo particular de a criança explorar e expressar os seus sentimentos, emoções e as ideias a partir das experiências que ela tem com o meio. Posto que seja fundamental cultivar a expressão gráfica porque significa um campo de representações, de construções simbólicas resolvidas, pois assegura a sua intencionalidade de expressão. Bem como, é um dos meios de aliviar algumas frustrações que a oprime e se relacionar com os valores adultos instituídos.

Para Lowenfeld e Brittan (1970, p.19) “a criança é um ser dinâmico; para ela, arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquela como o representa e, enquanto desenvolve sua expressão muda”, dir-se-ia então que a arte infantil é o meio pela qual a criança cria e retrata sua imaginação. Mobiliza para isso elementos visuais por meio de seu gesto gráfico como exercício de sensibilidade, sentindo-se mais segura para se expressar e explicitar suas necessidades afetivas, emocionais e sociais.

A arte infantil em Marabá tem em particular, a marca da personalidade da criança, pois revela o seu conteúdo diário com os da comunidade, enfatizando o seu “eu” e sua forma de ver o mundo diferente do adulto colonizado pelo progresso econômico. Por essa via, a criança tem a possibilidade de descobrir, criar, experimentar e conceituar objetos e o seu meio, referente à sua compreensão, bem como ela tem maiores chances de ser espontânea em suas atitudes, percepção refinada para ver mundo, estabelecimento de esquemas próprios, exploração e manipulação de ideias. Em particular, a criança marabaense enfatiza no desenho iconografia do seu repertório social subjacente, elaborando situações que revela a percepção da comunidade que dialoga esteticamente com ela.

Sua produção artística é cheia de intencionalidade que surge do seu repertório cultural, pois como parte de sua vida mostra através do traçado o bairro, a família, a escola, o carro de boi, as pessoas etc. Retrata expressões que se tornam reveladoras da sua forma de pensar sobre algo que faz parte do seu cotidiano. Isto

se percebe como caracterização em muitas crianças, já que ao retratar o meio ambiente em sua arte, remete-se quase sempre ao seu meio cultural.

A figura humana, na arte desses poetas infantis, marca dois momentos distintos: uma que adere a uma representação fácil e condicionada (o estereótipo); a outra livre e despojada de rigidez, autônoma e expressiva (imaginação criadora). A forma estereotipada representa o inconsciente dado por símbolos, relacionados a outras especificidades de configuração, e inculcadas por adultos num ato de controle e colonização de ideias sobre o repertório infantil, como por exemplo: a natureza, objetos do cotidiano, meios de transportes, desenhos de animais etc., como também as temáticas referentes à mídia local, relacionados à violência simbólica e outros temas.

A arte da criança de Marabá alcança a dimensão do meio social por está na confluência dos temas polêmicos e pertencimento a famílias de migrantes. Transmite a sensação de fuga para a libertação de sentimentos e espontaneidade, e ao mesmo tempo reprimida, direta e indiretamente, pelo recurso da mídia e pessoas do convívio familiar, também da escola e outros espaços culturais que ela participa.

As interferências – mídia, adulto e instituições – têm sido um aspecto notório na arte da criança em Marabá que se expressa por meio do desenho. É bem nítida esta influência, pois é possível identificar o simbolismo fluente dessas marcas no processo de criação da criança. A forma estética então é abalada e surgem maneiras de representá-la no desenho associada ao contexto da comunidade, mesmo assim ela fica aniquilada, desconstruindo o seu referencial imediato. Toda a espontaneidade da criança torna-se comprometida com a condição da violência simbólica instituída no seu ato criador artístico. Além do mais, as crianças marabaenses inseguras de sua expressão artística estão sob a proteção de um adulto que se sente proprietário dela; defende-a até mesmo de si própria, invadindo o processo criador da criança, intervindo na construção de sua autonomia e espontaneidade, provocando assim deslocamento violento de seus sentimentos e emoções.

É interessante notar as questões indicativas referentes aos repertórios culturais e sociais, já mencionados anteriormente, estão sendo projetadas pelas

crianças em sua arte. Revelam de certa forma, relações ligadas à formação humana, de identidade e personalidade, assim como impulsiona a expressão dos sentimentos e compreensão do seu meio, no qual ela convive.

A imaginação criadora da criança marabaense está cada vez mais se afunilando numa disseminação da inculcação e imposição de informações a certos valores culturais acelerados para o seu desenvolvimento (emocional, intelectual, físico, perceptual, social, estético e criador). A autonomia do processo criador defronta a criança com o desafio de extrair sentidos e atribuir significados a partir da sua realidade imediata, inserindo-a no espaço de maneira provocativa, a fim de possibilitá-la às escolhas que deverá fazer: “ninguém cria do nada e muito menos para nada. Criar é sempre complexificar, coordenar, combinar de outros modos a partir de uma provocação” RICHTER (2008, p.65). Mesmo que ainda não pertença a noção do que é desenhar para a criança, ela já o faz, manipula, explora e transforma o seu mundo com base na imaginação e criação.

O material artístico da criança marabaense tem importância para que possa lhe dá oportunidades de ampliar a exploração e projeção de suas ideias e sentimentos na arte de fazer imagens. A criança muitas vezes, revela prazer na escolha e a seleção do material, como também no modo que deseja usá-lo na elaboração, expressão e criação de formas visuais. O adulto, nesse sentido, tem papel fundamental nessa oportunidade da criação artística, pois é ele que organiza e disponibiliza os materiais num dado momento da necessidade espontânea da criança. Sobretudo, se tiver o cuidado de disponibilizar o material de acordo com a necessidade de expressão da criança.

Durante o processo de criação a criança, às vezes, encontra-se envolvida e atraída pela imaginação. O processo de criação assim é contínuo e reflete os momentos da criança, pois ela se sente mais cônica do seu meio, manipula as ideias, como também se sente presente e segura, já que foi encorajada a criar. Portanto, a arte infantil das crianças é constitutiva de sua vivência comunitária, primordial para o ajustamento e afinidades no processo de mudanças perceptuais e de se sentir ser e estar no mundo. Assim, a transformação gráfica e visual, do ponto de vista da sua interação e afinidade com os materiais propícios às suas

necessidades é a motivação central do seu deslumbramento do mundo que captura social e cultural.

4. LABORATÓRIO DE EXPRESSÃO PLÁSTICA

Arte infantil no município de Marabá é resultante de uma prática histórica da expressão artística das crianças. Acredita-se que o ato de representar figuras por meio do desenho é uma necessidade própria da criança, uma vez que o grafismo como linguagem poética seja o modo de como ela vai escrever sentimentos, emoções, desejos e se relacionar com outras crianças e adultos. Aliás, é uma forma de comunicação e expressão. Daí se diz que o grafismo é o meio pelo qual a criança revela a sua expressão artística e visão de mundo.

Um grupo de vinte e cinco (25) crianças, na faixa etária de 7 a 12 anos, foram reunidas na E.M.E.F. Emilia Ferreiro, na cidade de Marabá, a fim de participarem de um laboratório de expressão plástica que teve como base o desenho. Partiu-se da premissa dada por Derdyk (1990, p. 100) de que “qualquer pretexto gráfico é alvo de um campo de representações”, já que a criança tem um repertório visual formado pelo conjunto de experiências vividas no cotidiano com todos os grupos sociais que ela convive.

A experiência no laboratório revelou-se significativa, já que o que estava em questão era uma elaboração mental e intelectual, emocional e perceptual de uma dinâmica operativa de mover os sentidos mediante um conjunto de atividades realizadas com as crianças. Aliás, um diálogo estético envolvente a partir da problemática estabelecida no laboratório, imersa na percepção de mundo das crianças e o conhecimento delas a cerca das suas realidades. Considerando ainda a influência da comunidade sobre a consciência entre a esfera do sensível, do material, do intelectual e mental no que diz respeito aos repertórios inculcados por meio da sociedade e da família.

Como abordagem da ação realizada no laboratório, experimentou-se possibilidades de o desenho ser uma criação coletiva e ao mesmo tempo individual, possível de poder ser um transformador da ação da criança de se expressar. O desenho passa a ser então um [des] desenho, isto é, desde que seja posto para indicar um momento do não pertencimento da criança do seu dia-a-dia como

expressão artística, com o intuito de esvaziar o repertório viciado pelos estereótipos das formas visuais concebidos socialmente por meio da escola, família e comunidade. Para então encontrar a forma estética propícia como potência da sua relação com a arte, o ambiente urbano de sua existência e a relação íntima com a comunidade.

A percepção de mundo das crianças deu sentido aos quatro momentos importantes no diálogo estético no laboratório de expressão plástica. O primeiro deste buscava deslocar as ideias estereotipadas com o intuito de pensar um modo de desenha [des] desenhando o modelo já pré-concebido socialmente. Este desafio pretendeu dar às crianças uma ambiência propícia de brincar com o ato de desenhar, de imaginar e usar linhas no espaço do papel de modo mais livre, destacando o processo criativo, o envolvimento afetivo, segurança no modo realizativo do ato de fabricar o desenho como identidade única que sai do seu pensamento e se cristaliza em uma imagem que traduz uma ideia, uma emoção.

Um quadrado vazio aparece, é um desenho de uma criança, em meio às diversidades de expressões gráficas ali realizadas. Torna-se um momento de falação entre todos no laboratório. O diálogo abre-se e se constrói discursos sobre o quadrado vazio: representa o pensamento, a vida, a imaginação, tantas coisas. Por meio desse diálogo estético o contexto é exaltado e a imaginação livre ganha dinamismo: “tem um cavalo ai dentro..., não é um peixe, é mesmo..., um macaco, um elefante, jumento, gato, leão, cachorro...”. Todas as crianças, uma a uma, depositaram sua imaginação “dentro” do quadrado.

O desenho intrinsecamente se coloca num diálogo frente ao inusitado e ao inesperado. Criam-se situações que se confrontam mediante o exercício do ato realizativo e executivo, no qual o experimental da liberdade é dado como premissa da situação surgida, então a partir daí a capacidade de inventar algo é o impulso lúdico necessário para imprimir imaginação, aquilo que vai além da realidade. É o caso de “a carreta de bois”, no segundo momento do laboratório, onde se observa a narrativa visual que se destaca de uma carreta viva na imaginação de uma das crianças, esta caracteriza o aspecto fundamental de sua percepção sobre o significado carreta de bois, enfatizando elementos importantes na sua consciência do tema cotidiano.

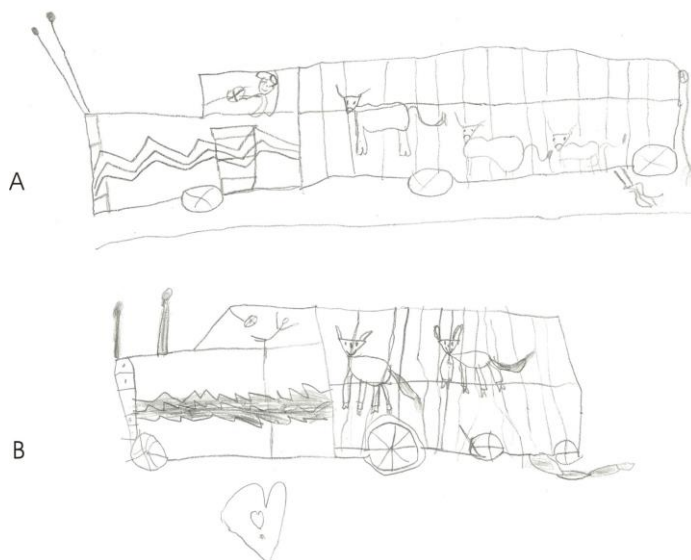


Fig. 1 - Carreta de bois. Arte infantil de dois meninos. O menino A ilustra sua imaginação a partir do tema cotidiano. O menino B copia, se apropria da ideia do primeiro.
Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá.

Para Frange (1995, p.322) “a arte é campo no qual os fenômenos se dão, é um campo de incertezas, que contém como dimensão o caos; é uma incerteza desejável de obras abertas”, no caso de a carreta de bois, a abertura caracteriza a expressão cotidiana da criança, tributo este ao diálogo com o pertencimento da comunidade em que mora e seus atores envolvidos. Posto que a imagem, feita por um menino A, seja tão propositiva ao diálogo estético, que de imediato influi no coletivo do grupo, bem como também serve ao colega do lado (Menino B) como referência a uma cópia desta imagem, expressão de sua ordem e esquematismo provisório de criação. Apesar de também revelar a prisão da imaginação e [des] desenho do copiadador (Menino B).

Apesar de a arte exigir sempre uma dose de liberdade, de decisão e de interpretação, as escolhas quase sempre recaem no repertório instituído pela comunidade: os conteúdos são expressivos e conduzem a criança a perceber o mundo a partir de sua experiência coletiva do seu contexto cultural. É assim que se revela o terceiro momento, com recorte e colagem. O desafio fora [re] codificar as mensagens encontradas nas imagens de revistas e entregar a um amigo da sala. Esta troca de mensagens visuais provocou um diálogo importante, uma vez que o processo criativo se manteve constitutivo e se pode perceber com maior evidencia a capacidade de desenvolver ideias claras por meio da produção dos códigos visuais. Apareceram nessas imagens animais, pessoas, brinquedos, brincadeiras, meio de

transportes, comida, romantismo, interiores de casa, símbolo de amizade, presentes (perfume, relógios, outros). Todas essas configurações simbólicas são coordenadas ou brotam de um perfil comunitário, pois representa o conteúdo do imaginário que passam pela ordem das famílias, mas que são percebidas e transformadas pelas crianças. E nessas aparições, do elemento sógnico na mensagem, permite-se uma apropriação inusitada do sensível num simples ato de descrever as impressões de seus desejos.

A comunicabilidade estética das crianças, no laboratório, envolveu ainda um maior índice estético, quando a título de desafio foi proposto que deveriam estender as mensagens a partir de sua comunidade para o planeta. Então, a imaginação multiplicou-se, dando um salto no modo de refletir, situar e problematizar o conhecimento com base em seus repertórios sociais. Como bem caracteriza Richter (2008, p.13) “[...] que exige valorizar, desde a infância, não apenas a organização do vivido através do gesto e da cor, como possibilidade transformativa de aprendizagens a partir das experiências conceituais e poéticas das crianças com os meios artísticos visuais”. Quer dizer, mediante ao aspecto diferenciador no dialogo estético permanece a conversa entre o local e o global, uma vez que as mensagens saem da sala de aula e são pensadas: salve o planeta, salve a floresta, salve o foguete e o helicóptero, salve o rio, salve nosso pedido, salve as pessoas, o jardim e a borboleta, salve as crianças.

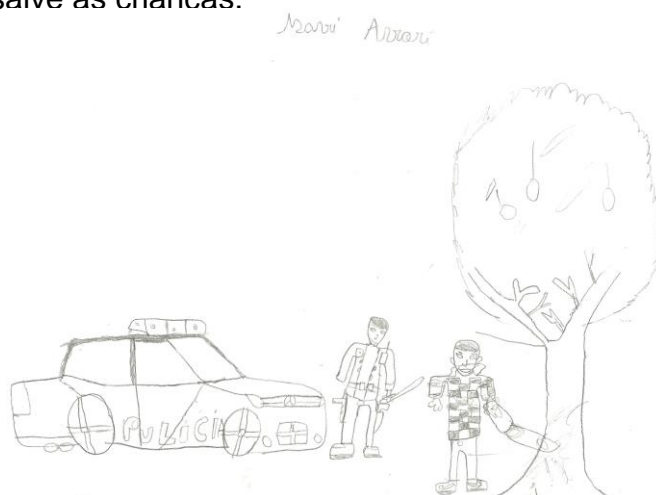


Fig. 2 - Salve o planeta. Elementos simbólicos instituídos caracterizam esta imagem. O homem que corta a árvore é presente na paisagem marabaense, o corte de árvore é reprimida pelo policial, construção da narrativa visual que se destaca no pensamento dessa criança.

Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá.

Mediante ao coletivo temático, imbuído da comunicação comunitária, as crianças estabelecem ações, nas quais se desdobram pensar o meio ambiente como algo frágil e precioso. Concomitante a isso, é fundamental nesse laboratório ver o desenrolar das performances visuais das crianças. Nesse caso, Derdyk (1990, p.116) apresenta uma caracterização importante “Observar uma criança desenhando, acompanhar o processo de construção na plenitude de sua ação, pode nos devolver um vínculo mais profundo do que aquele que o ato de desenhar promove dentro de quem desenha”, isso vai além do simples ato de estereotípias, insegurança, espontaneidade, racionalidade e ocupação de espaço. É o caso do quarto momento, instigar as crianças sobre a sua família.



Fig 4 - Família. A criança representa todos os componentes familiares de seu grupo, dando significação e importância a eles à medida que os organiza no espaço do papel, mostra também um esquema próprio de representação que se verifica como base de sua expressão gráfica da figura humana.

Fonte: Laboratório de Expressão Plástica do Projeto de Pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo de criação artística de criança no município de Marabá.

Gombrich (1986) diz que o desenho é uma concepção de esquemas que vai pouco a pouco sendo elaborado pela mente da criança e que esta desenha o que sabe e vê através de seus significados. Então, a família representada na arte da criança é uma formulação simbolizada pela imaginação, a fim de representar a figura como algo que expressa o sentimento das pessoas que é retrata e não algo como se fosse o semelhante. Este diálogo estético situa a morfologia humana em que a gestualidade corporal é captada como recurso de uma expressividade latente.

O laboratório de expressão plástica pôde consolidar um acervo gráfico de desenhos realizados por crianças no município marabaense a partir da coleta realizada em uma das escolas públicas municipais. Estes desenhos são reveladores, pois podem indicar como mostragem um conjunto de fatores concernente ao diálogo estético no ecossistema da estética amazônica, cuja poética de arte infantil se vislumbra e é propícia para o entendimento da realidade do homem que trafega e se enraíza na região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os repertórios sociais afetam as crianças e as inculcam a partir do cotidiano, criando assim um diálogo estético em que a violência tem um conceito central na imaginação infantil: seja numa relação com a linguagem corporal, a partir do corpo erotizado; seja por meio dos fatos sobre a violência doméstica; seja através dos jogos de guerras no vídeo game; sejam informações oriundas dos noticiários da TV; ou mesmo através dos filmes de cinemas, vídeos e/ou conversas entre os adultos sobre violência. Tudo isso se registra na percepção infantil.

Criança adultificada se espelha no adulto, reproduz as ações e comportamento, mas apesar de tudo ela precisa de proteção e cuidados. Não é pura, nem cândida, é ingênua. Todavia, sua arte expressa seu dia a dia e o mundo em que vive, estabelecendo diálogo estético ativo na fronteira de sua imaginação, onde no limiar da fantasia a realidade é fato, e na concretude da criação o real é a poética. Simbolismo que emana dos interstícios dos sentimentos e ação que se faz vida.

A arte para criança então será a liberdade, na autonomia em detrimento ao alívio das frustrações em meio à expressão. Isso porque o contributo maior para o desenvolvimento da criança é componente orgânico daquilo que faz parte de si próprio, o artístico. Nessa amplitude a percepção do mundo muda e como um desígnio mutante ela se transforma para compreender mais além de sua narrativa visual.

A criação artística e a comunicação estética revelam um aspecto cultural e visual importante, pois traz à tona a compreensão do significado estético para a formação cultural da criança. Porém, nesse contra ponto está o adulto que ao mesmo tempo faz da arte infantil algo merecedor de atenção, mas ao mesmo tempo desqualifica, não valorizando sua arte. Resulta então perceber que os signos visuais depositados na expressão visual da criança traz à tona o significado de ser criança criativa e que brincar com arte é a melhor das fantasias.

6. REFERÊNCIAS

DERDYK, E. *O Desenho da Figura Humana*. São Paulo: Scipione, 1990.

FRANGE, L. B. P. *Por que se esconde a violeta? isso não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1995.

GOMBRICH, E.H. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. *O desenvolvimento da Capacidade Criadora*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

OLIVEIRA, de Juarez. (org.). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Organização dos textos, notas remissivas e índices. – 5. ed. atual e ampl.- São Paulo: Saraiva,1995.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RICHTER, S. *Criança e Pintura: ação e paixão do conhecer*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2008

Marconys Silva das Chagas

Bolsista Pibic/UFPA Campus de Marabá, no Projeto de pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo criador das crianças no Município de Marabá. É estudante da graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus de Marabá/UFPA.

Mayelle da Silva Costa

Bolsista Pibic/UFPA Campus de Marabá, no Projeto de pesquisa Racionalidade Estética: estudo do processo criador das crianças no Município de Marabá. É estudante da graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus de Marabá/UFPA.

Alexandre Silva dos Santos Filho

Coordenador da Pesquisa PIBIC com o projeto Racionalidade Estética: estudo do processo criador das crianças na cidade de Marabá. Doutor em Educação com estágio na Universidade de Aveiro (Portugal). Coordena o Grupo de Pesquisa e Extensão do Núcleo de Arte do Campus de Marabá da UFPA. É vice-coordenador do Mestrado Interdisciplinar no Campus de Marabá/UFPA.